

A igreja que faz

DISCÍPULOS



Construa o modelo de discipulado
que você sonha para a sua igreja

Thiago Faria



SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
<i>Introdução</i>	15

PARTE I — O QUE É DISCIPULADO?

1. O que é discipulado?.....	25
2. O que é ser discípulo de Jesus?.....	59

PARTE II — IMPLANTANDO O DISCIPULADO

Introdução.....	87
3. A quem discipular?.....	89
4. Como desenvolver as trilhas de discipulado?.....	107
5. Quais são as estratégias de cada passo do discipulado?.....	123
6. Quais materiais escolher?.....	145
7. Começando a implementar	157

PARTE III — FOCANDO A IGREJA NO DISCIPULADO

8. A centralidade do discipulado na igreja	173
9. Definindo um propósito para a igreja.....	181
10. Alinhando a igreja.....	191

A IGREJA QUE FAZ *discípulos*

<i>Considerações finais</i>	209
<i>Referências Bibliográficas</i>	211
ANEXO I — Como formar o grupo de trabalho	213
ANEXO II — Passos de discipulado.....	215
ANEXO III — Trilhas de discipulado	219

Todos os direitos reservados por Editora Vida.

INTRODUÇÃO

O pr. Antônio sempre quis desenvolver melhor o discipulado em sua igreja. A sua sensação era de que muitas pessoas em sua igreja tinham parado de crescer na fé e estavam acomodadas; a razão disso era por não terem claro *como* se cresce na fé. Ele já havia lido diversos materiais e visitado algumas igrejas que desenvolviam diferentes modelos de discipulado, mas ainda tinha dúvidas sobre qual seria o melhor jeito e momento de começar algo nessa direção. Ele tinha convicções profundas e falava a respeito disso com sua liderança, mas o pr. Antônio sabia que ainda não tinha conseguido implementar uma mentalidade e cultura de discipulado em sua igreja. Ele também sabia que não se tratava apenas da escolha de um ou mais materiais, mas de construir uma cultura em sua igreja a ponto de as pessoas poderem crescer na fé e levar outras a crescerem continuamente.

Por todo lugar que ando, ouço histórias como a do pr. Antônio. Pastores e líderes falando sobre como acreditam na importância do discipulado e como isso pode ser uma força em sua igreja, mas nada disso se tornou realidade ainda. Quando faço duas ou três perguntas sobre o que a liderança entende por discipulado, ou sobre como acreditam que ele deve existir na prática, normalmente as respostas parecem desaparecer da conversa. Também ouço líderes e pastores

um pouco vaidosos dizerem quê tem um discipulado efetivo na igreja, mas, quando questiono sobre dois ou três pontos importantes a respeito de seu modelo ou visão, já vejo dúvidas e expressões que demonstram a grande dúvida do “como assim?”.

Desenvolver uma mentalidade e cultura de discipulado não é algo que se faça com uma pregação ou com uma série de mensagens, nem mesmo criando uma classe de estudos bíblicos, nem estimulando todos a lerem um livro muito bom sobre o assunto. Isso se faz por meio de um processo estruturado que parte da compreensão profunda do discipulado por parte da liderança, que não apenas *sabe*, mas *vivencia* um processo experiencial de crescimento na fé. A partir dessa vivência, é possível imaginar meios para o crescimento de outros e que envolvam um caminho sugerido de transformação de vida.

Quando eu era adolescente, tentei iniciar por conta própria um processo de discipulado com um grupo de amigos na igreja. Senti a necessidade de crescermos juntos na fé e decidi trabalhar com eles o conteúdo do livro *Segue-me 1*,¹ de Ralph Neighbour. Foi uma experiência marcante, mas, como a cultura de discipulado ainda não estava presente, depois de trabalhar esse material com aquelas pessoas, não sabíamos como continuar o processo e paramos. Depois de um tempo, fui convidado a ser discípulo de uma pessoa que me explicou exatamente o que era ser discípulo de Jesus, como discipular outros e como continuar a crescer na fé. A diferença estava entre fazer algo pontual e fazer algo dentro de um processo estruturado.

No meu trabalho no ministério da *Envisionar*, tentamos ajudar igrejas a implementarem uma cultura e uma

¹ NEIGHBOUR JR., Ralph W. *Segue-me 1*. São Paulo: Editora Lifeway Brasil, 2001.

mentalidade de discipulado. Normalmente apontamos caminhos possíveis para que as igrejas implementem seu próprio processo de discipulado a partir do seu DNA e do que Deus as está chamando para aquele tempo e contexto. Também indicamos livros que possam servir de referência para a implementação dessa cultura.

Entretanto, com o tempo, comecei a perceber que, apesar de indicarmos caminhos e livros bons, muitos pastores e líderes tinham dificuldade de colocar em prática as conclusões a que tinham chegado e de traduzir certos ensinamentos para a sua igreja. Além disso, cada livro descreve uma parte do processo de implementação do discipulado da igreja, mas sempre deixa alguns assuntos de fora. Um livro muito bom, por exemplo, que elucida o que é ser discípulo de Jesus, chama-se *A formação de um discípulo*,² de Keith Phillips. Entretanto, ele não fala sobre como implementar isso na igreja.

Outro livro muito bom, que aborda a perspectiva de o discipulado ser o foco da igreja, chama *Igreja simples*³ e trata da importância de implementar um processo de discipulado na igreja, mas, por outro lado, não fala o que exatamente é ser discipulado nem como construir esse processo. Outros bons livros, como esses, tratam do assunto do discipulado, mas cada um tem o seu enfoque e delimitação próprios. Assim, muitas vezes a liderança da igreja tem dificuldade de articular a conexão e o entrelaçamento entre todos os conceitos e práticas apresentados.

Por conta dessa dificuldade, ocorreu-me a ideia de escrever este livro para ajudar pastores e líderes a traduzirem o que

² PHILLIPS, Keith W. *A formação de um discípulo*. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.

³ RAINER, Thom S.; GEIGER, Eric. *Igreja simples: retornando ao processo de Deus para fazer discípulos*. Brasília: Editora Palavra, 2011.

já sabem, ou pretendem fazer, em um plano prático de implementação do discipulado em suas igrejas. Em todo o livro, farei referência a essas diversas publicações das quais a maioria das ideias expostas aqui nasceu. O que fiz, basicamente, foi articular o conteúdo que já existe, colocando-o num plano simples e prático para ser implementado por qualquer igreja.

O objetivo do presente livro não é apresentar um único método de discipulado ou um único jeito de se fazer isso. Trata-se mais de um método para se criar um método. Este livro também não foi escrito para apresentar alguma nova teologia, nem para propor uma nova compreensão sobre discipulado, tampouco para recomendar um modelo ou ideia revolucionários. Se você estiver buscando isso, sinto muito, mas este livro não irá dar respostas prontas. Na verdade, o meu propósito é descobrir os princípios antigos e buscar caminhos de como vivenciar essas verdades em nosso tempo.

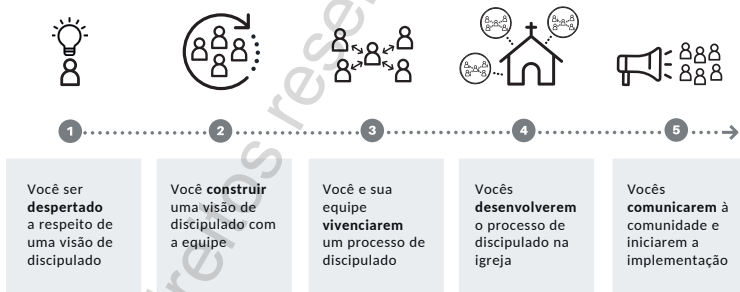
Além disso, quero propor um caminho de construção dessa cultura e desse processo de discipulado que você e sua equipe possam trilhar, a fim de que seja algo adequado ao seu contexto e realidade locais. Enxergo esse material como uma organização de conteúdos e passos possíveis, mas não para tentar convencê-lo de alguma teoria ou modelo miraculosos. Proponho um caminho para que você desenvolva um jeito de praticar o discipulado na sua igreja.

Toda a construção do livro foi feita visando orientar o leitor a conversar com sua equipe sobre as melhores alternativas que fazem sentido para o seu grupo e igreja. Assim, esta é uma introdução ao processo de construção de um modelo de discipulado para sua igreja. E para fazer isso, assim como se faz na implementação de qualquer visão, de forma geral, o processo começa com alguém sendo convocado a uma visão,

até que essa pessoa “envisione” a outros, que por sua vez levarão a visão a um grupo maior de pessoas. Neste livro, proporei a você seguir exatamente estas grandes etapas:

1. Você ser despertado a respeito de uma visão sobre discipulado
2. Você construir uma visão de discipulado com uma equipe
3. Você e sua equipe terem a vivência de um processo de discipulado
4. Vocês desenvolverem o processo de discipulado da sua igreja
5. Vocês comunicarem à comunidade e iniciarem a implementação

A DINÂMICA DA VISÃO



Neste livro, sugiro como você e sua equipe podem passar por essas etapas. Cada uma delas é importante para que essa visão seja implementada.

COMO USAR ESTE MATERIAL

O primeiro passo prático para a aplicação desse material é reunir um grupo de pessoas-chave em sua igreja, que

será responsável por estudar esse material e desenvolve em conjunto os passos que são sugeridos. Não caia na tentação de tentar fazer isso sozinho, pois o mais importante é que o grupo construa coletivamente o entendimento e chegue a conclusões que façam sentido para todos. Não é recomendável que somente a perspectiva de um líder predomine, especialmente se esse líder for o pastor principal da igreja.

Chamarei esse grupo de “grupo de trabalho”, mas você pode dar o nome que quiser. O importante é ter um grupo de 5 a 8 pessoas, dispostas a mergulhar nessa reflexão e, posteriormente, fazer a aplicação das definições que construíram juntos. No Anexo I, dou dicas de como formar esse grupo. É importante que o grupo desenvolva as definições em conjunto para gerar aprendizado, maturidade e autonomia. Isso será fundamental para a fase de implementação e acompanhamento. Pessoas que constroem juntas entendem a razão de como tudo foi criado e têm mais capacidade para engajar outros e fazer os ajustes ao longo do processo.

Outra dica importante é que, ao longo do livro, eu cito alternativas encontradas por outras igrejas. Não caia na tentação de copiar o que já foi feito. O objetivo ao citar outros exemplos é ajudar você a entender de uma maneira realista o que se propõe, mostrando que é possível. Mas, como repetirei ao longo do livro, é bom entender o que outras igrejas têm feito, porém o mais importante é refletirem juntos, debaixo de muita oração e diálogo, sobre o que Deus quer nesse tempo para a sua igreja e o seu contexto.

Sendo assim, o livro foi dividido em três partes: *O que é discipulado?*, *Implantando o discipulado* e *Focando a igreja no discipulado*. Na primeira parte, veremos os fundamentos do discipulado, olhando principalmente para Jesus à procura da

maneira como ele praticava o discipulado. Em seguida, vamos pensar sobre o que é ser discípulo de Jesus e quais são os pontos mais importantes e as características de ser um seguidor dele. A primeira parte do livro apresenta maior densidade de conteúdo, por tentar desenvolver definições que servirão como fundamento para todo o restante da obra. As partes II e III serão mais práticas, levando você e seu grupo de trabalho a definirem como será o discipulado em sua igreja.

Na segunda parte, portanto, vamos trabalhar a criação do processo de discipulado da igreja, definindo quem são os seus grupos-chave a serem trabalhados, quais são os passos de fé que queremos estimular as pessoas a darem, quais estratégias usaremos (como discipulado individual ou em grupo) e como escolher os melhores materiais.

Por fim, na terceira parte, daremos um passo adiante, visando colocar o discipulado como algo central na igreja, levando o que foi definido a toda a comunidade e fazendo os ajustes essenciais na maneira de ser igreja.

No decorrer de todo o livro, ao final de cada capítulo, continuarei contando a história do pr. Antônio e sua igreja. O objetivo é dar um vislumbre de como funciona esse processo em uma comunidade, lidando com as dúvidas e dificuldades inerentes do caminho de implementação deste conteúdo. Também darei uma sugestão de tarefas para o grupo de trabalho que são importantíssimas para que aquilo que foi refletido não seja esquecido, mas seja imediatamente trabalhado, gerando uma decisão prática a ser implementada pelo seu grupo de trabalho.

Parte I

O que é discipulado?

Todos os direitos reservados por Editora Vida.

1 O QUE É DISCIPULADO?

Disciplinado é uma daquelas coisas essenciais negligenciadas em nossa história cristã recente. Talvez seja a questão essencial mais esquecida. Alguns autores dizem que abandonamos a vivência do disciplinado há dezenas de anos. Outros arriscam cravar 100 ou 150 anos de esquecimento. Há estudos apontando que, em algum momento da história cristã, começamos a nos importar mais com a estrutura da igreja, programações, comunhão, cuidado da membresia e até com evangelização, mas deixamos de ensinar e vivenciar o processo de disciplinado cristão.

“Começando do começo”, disciplinado não é uma palavra presente no Novo Testamento (NT). Entretanto, a palavra procura expressar simplesmente o processo de se tornar ou de ser discípulo. Simples assim. Nos tempos mais recentes, essa palavra perdeu aos poucos o seu sentido mais profundo e teve seu significado raleado ou simplificado, a ponto de se tornar algo diferente do que deveria ser, de acordo com a perspectiva do NT. Na maioria dos contextos, o disciplinado foi reduzido a um curso de curta duração, ministrado logo após a pessoa se converter à fé em Cristo, e que trata dos princípios sobre o que é ser cristão. Em muitos ambientes,

entende-se que o discipulado é o bê-á-bá da fé cristã que os novos convertidos precisam entender.

Para entender o que é discipulado, quero propor uma referência principal. Em seguida, o que for adicionado estará baseado nessa referência. Qual é a nossa referência? O processo de discipulado de Jesus e seus discípulos.

J E S U S , N O S S A R E F E R Ê N C I A

Jesus é a nossa principal referência em discipulado. Nunca se esqueça disso. Apesar de podermos usar ideias, modelos e estratégias elaboradas em nosso tempo, nunca devemos deixar de vivenciar o que Jesus fez, pois ele é o norte, o referencial máximo e o que perseguiremos para o resto de nossa vida. Se o discipulado de Jesus não for a base sobre a qual construímos nossos modelos, estratégias e conceitos, correremos o risco de construir nossa casa sobre a areia. Pode parecer óbvio, mas o discipulado de Jesus muitas vezes não é, efetivamente, a base referencial do discipulado em muitas igrejas. Eu poderia gastar muitas páginas fazendo críticas a modelos ou fundamentos em diversos movimentos cristãos. Entretanto, prefiro a tentativa de explicar o que Jesus fez e, partir disso, como podemos ser propositivos em criar um caminho para o seu contexto e momento.

Então vamos lá! O que Jesus fez? Basicamente, ele convocou doze homens para andarem com ele, para aprenderem na prática o que era ser seu seguidor. Aqueles homens aprenderam com Jesus não somente ao ouvir seus discursos e parábolas, mas ao verem como ele interagiu com eles mesmos e com as demais pessoas, levando-as a transformação por sua relação com elas. Seus

discípulos viram como é um Homem Perfeito, como ele agia, o que ele dizia, como ele tratava as pessoas, como ele se relacionava com as autoridades, como ele se relacionava com seu Deus e Pai. Jesus comia com eles, dormia com eles e conversavam por todos os caminhos por onde andavam. Eles estavam juntos ao passarem por estradas, montanhas, lagos, desertos, cidades isoladas e populosas; oraram, navegaram e pescaram juntos.

A mensagem que Jesus carregava, o Reino de Deus, era personificada nele mesmo. O que os discípulos o ouviam ensinar, eles viam na sua prática como e o que um cidadão do Reino é, como pensa e como age. Quando Jesus falava sobre como é esse Reino e como nos tornamos parte dele, os discípulos viam que tudo ecoava a sua vida real e concreta. Ele era uma parábola viva e real.

Apesar das muitas práticas em comum com o discipulado de mestres judaicos, o formato adotado por Jesus, de caminhar com seus discípulos, guarda elementos que o diferenciam de outros mestres, seja um mestre judaico ou grego. Os discípulos de Jesus não aprenderam apenas um conjunto de interpretações da Lei (o “jugo da Lei”), como discípulos de outros *rabi* faziam, visando a aplicação e o ensinamento a outros. Jesus transformou completamente a maneira como eles enxergavam o mundo e isso mudou quem eles eram.

O que Jesus fez e como fez é extremamente relevante para o nosso atual momento. De forma simples, portanto, ainda que não simplista, discipulado é processo de seguimento a Jesus na vida. E ele, como nosso mestre, é o referencial. Mas como era o discipulado de Jesus na prática? Vamos explorar isso em mais detalhes.

FUNDAMENTOS DO DISCIPULADO DE JESUS

A partir da vida de Jesus, percebemos pontos importantes de como era o seu discipulado. Eu gostaria de destacar 9 pontos que considero essenciais nessa observação. Nove não é um número mágico; trata-se apenas de uma lista com algumas questões que considero importantes e que podem ser observadas no jeito de Jesus fazer discípulos.

1) Relacional: Jesus teve um relacionamento profundo com seus discípulos. Ele levou alguém a se tornar seu discípulo, não por transmitir conteúdos meramente ou por ministrar cursos, mas se relacionando e dividindo a própria vida com aquelas pessoas. O discipulado de Jesus envolvia, necessariamente, relacionar-se com seus discípulos. O ensino público poderia incluir outros ouvintes, mas o discipulado efetivo ou completo implicava ter um relacionamento real com eles. No discipulado de Jesus, discipulado é relacional.

2) Intencional: O relacionamento que Jesus teve com seus discípulos era intencional. Pode parecer óbvio, mas seu relacionamento com os discípulos tinha um objetivo bem claro: transformá-los em pescadores de homens, homens parecidos com ele, filhos de Deus. Não era um relacionamento sem um propósito específico. Ele era intencional em tudo o que fazia. No discipulado de Jesus, o discipulado é um relacionamento intencional.

3) Processual: Jesus não levou aqueles homens a se tornarem seus discípulos do dia para a noite. Isso levou

algum tempo e foi feito ao longo de um processo muito claro para ele. A transformação da vida dos discípulos não aconteceu em um único momento, um único sermão ou numa convocação. O crescimento espiritual nunca é instantâneo. Os discípulos foram transformados dia após dia. O discipulado de Jesus parece funcionar uma caminhada progressiva em que certas coisas passam a fazer sentido. No modelo de Jesus, o discipulado é um processo.

4) Orgânico: o processo de discipulado de Jesus não era totalmente estruturado. Ele era orgânico. Orgânico não significa que era sem objetivos claros nem totalmente sem estrutura. Quer dizer que não era engessado a ponto de dispor o processo numa sequência de informações, aprendizados e tarefas. Talvez pudéssemos dizer que Jesus tinha um processo semiestruturado, pois ele se adaptava às características e oportunidades que surgiam ao longo do caminho. Por exemplo, quando Jesus quis ensinar seus discípulos sobre a incredulidade e, no meio do caminho, ele se deparou com uma figueira não-produtiva, aproveitou aquela situação e aplicou o seu ensino. Jesus aproveitava as circunstâncias ao seu redor e na vida das pessoas para discipulá-las, mas ele sabia “o que” queria ensinar e adaptava o “como” e o “quando”. No discipulado de Jesus, o processo é orgânico.

5) Individual: Jesus teve uma aproximação individual com cada discípulo. A abordagem de Jesus não visava somente o grande grupo. Ele conhecia cada pessoa com suas peculiaridades e teve diferentes momentos de

conversas particulares ou confrontações individuais (os casos de Pedro, Judas, João e outros). O discipulado de Jesus foi pessoal e personalizado. O processo de salvação sempre terá um elemento de experiência individual. Jesus lida com cada um de nós, respeitando nossa individualidade, a fim de levar cada pessoa a se aproximar dele e começar a se parecer com ele. No discipulado de Jesus, a abordagem é individual.

6) Em grupo: Jesus teve uma dinâmica de relacionamentos com seus discípulos que, além de incluir o relacionamento individual, apresentava uma dinâmica de relacionamentos em grupo, seja em duplas (Lucas 10), em trios (Pedro, Tiago e João) ou em grupo (os doze). O relacionamento com outros discípulos foi importante na estratégia de Jesus, pois aprendemos a crescer na relação com os outros. Como dissemos, apesar de o processo de salvação ter um elemento individual, ele também traz um elemento coletivo. Na lógica do Reino de Jesus, crescimento espiritual também acontece na experiência de grupo. No discipulado de Jesus, o discipulado é coletivo.

7) Contínuo: Jesus não convidou os seus doze seguidores a iniciarem uma caminhada de discipulado e a concluí-la em uma grande formatura três anos depois. Aquilo era só o início de uma longa caminhada para se tornarem como ele é. Jesus garantiu que estaria com eles todos os dias e que enviaria um Consolador para ajudá-los na tarefa de crescimento da fé. O discipulado de Jesus só termina quando morremos. O crescimento espiritual se dá no presente. Não bastam o aprendizado

e as experiências do passado. Trata-se de uma constante transformação da nossa mentalidade, do nosso entendimento e da nossa alma. Conhecer a Cristo é uma interação de relacionamento contínuo que pouco a pouco transforma a pessoa num pequeno Cristo — esse é o significado da palavra *cristão*. No discipulado de Jesus, a caminhada é contínua.

8) Vivencial: Jesus colocou os discípulos para experimentarem, pessoalmente, o que é ser discípulo na prática. Só se é discípulo *sendo*. Conhecer sobre Jesus e sobre seu Reino não é o mesmo que ser discípulo. Ter informações sobre Jesus não nos torna discípulos. O que torna a pessoa um discípulo é a obediência a Jesus. Além disso, Jesus deixou claro que ser discípulo tem a ver com fazer outros discípulos. Jesus os preparou para serem autônomos no processo de crescimento da fé, pois ele os levou a viver a prática da fé, acompanhando-os e corrigindo-os ao longo da jornada. No discipulado de Jesus, só é discípulo quem pratica.

9) Amor: Jesus tinha o objetivo de transformar aqueles homens, mas a base para isso era, de fato, o amor que Jesus tinha por eles. Jesus não se relacionou com os seus discípulos numa base de capacitação técnica. Ele os amou profundamente. Não é possível haver discipulado sem amor. Mesmo que o amor seja uma decisão/ação e que possa aumentar, o início do discipulado está baseado no amor, assim como o trajeto de relacionamento está baseado no amor pelos seus discípulos. No discipulado de Jesus, o amor é a base de tudo.

Conhecer e sistematizar um pouco mais o modo como Jesus praticava o discipulado é importante para alinhar a compreensão do grupo em sua igreja sobre como é o discipulado de Jesus; então, a partir disso, poder estabelecer as premissas de como será o discipulado para a sua igreja. Ler os Evangelhos com esse olhar pode trazer boas surpresas sobre como funcionava o relacionamento de Jesus com os doze e como Jesus desenvolveu a fé daqueles homens através do discipulado intencional. Eu posso ler os Evangelhos com um olhar normativo, procurando entender o que eu *tenho* que fazer para me tornar um discípulo de Jesus. Mas ler os Evangelhos com um olhar a partir do relacionamento de Jesus com os Doze muda tudo.

Coleman conseguiu sintetizar o trabalho de Jesus de forma simples e profunda:

Depois de convocar os discípulos, Jesus assumiu o hábito de permanecer entre eles. Esta era a essência de seu programa de treinamento: permitir a seus discípulos que o seguissem. Quando paramos para pensar sobre isso, percebemos que se tratava de uma maneira bem simples de agir. Jesus não oferecia uma educação formal, não fundou um seminário, não definiu um currículo escolar nem abriu matrículas para seus seguidores. [...] É mesmo impressionante: tudo que Jesus fazia para ensinar o Caminho àquelas pessoas era trazê-las para perto de si. Ele era sua própria escola e seu próprio currículo.⁴

⁴ COLEMAN, Robert E. **O plano mestre de evangelismo**. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 33.

Enquanto estamos em um processo intencional de seguimento a Cristo, que dura toda a vida, também é nossa missão levar outras pessoas a se tornarem seguidores de Cristo. Afinal de contas, nós somos a vitrine (Filipenses 3.17; 1 Timóteo 1.13; 1 Tessalonicenses 2.7-8) e as pessoas farão aquilo que ouvirem de nós e virem em nós (Filipenses 4.9).

CONVOCAÇÃO PARA O DISCIPULADO

Jesus, nossa referência, além de demonstrar na própria vida como era o discipulado, nos deixou uma convocação: fazer a mesma coisa que ele fez. O conhecido texto de Mateus 28.18-20 é, na minha opinião e de outros estudiosos, um dos mais mal interpretados e subutilizados do Novo Testamento. Eu convido você a pensar sobre esse texto com uma perspectiva que pode ser diferente da que você tem considerado. O texto diz:

Então, Jesus se aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mateus 28.18-20, NVI).

Qual é a interpretação mais comum para esse texto? “Ide e fazei discípulos”. Essa frase se tornou base bíblica para sairmos em missão mundo afora. A ideia básica nele expressa é que precisamos sair de onde estamos e ir pregar

o evangelho lá fora.⁵ Responder positivamente ao chamado de Jesus, então, por vezes se tornou restrito à compreensão de que eu preciso ir para algum lugar pregar o Evangelho, o que normalmente envolve o anúncio ou a pregação. Se alguém aparentemente se converter a partir desse anúncio ou pregação, então o meu trabalho está feito e talvez possamos ir até o próximo indivíduo a ser convertido.

Analisando o texto mais atentamente, começando pelo versículo 18, lemos: “Foi me dada toda a autoridade nos céus e na terra”. Esse versículo remonta ao texto de Daniel 7, que traz a ideia de que o Messias prometido por Deus, anunciado por vários profetas, concentraria em si todo o poder. Quando os discípulos ouviram essa frase da boca de Jesus, provavelmente deve ter passado muita coisa pela cabeça deles. À época, existia um pensamento corrente de que o Messias viria para libertar o povo de Israel do domínio estrangeiro e de que ele teria poder completo: poder espiritual, poder civil e poder bélico ou militar. Essa era a expectativa com a qual muitos aguardavam o Messias: alguém que afastaria os inimigos pela força e inauguraria o seu reinado com o povo de Israel liberto. Essa era uma compreensão limitada de Reino.

Quando Jesus disse que tinha todo o poder, alguns discípulos devem ter se animado, imaginando que tinha finalmente chegado o momento de libertar a nação. E Jesus disse para todos algo como: “Esse cara sou eu, eu sou o Messias prometido e tenho todo o poder; chegou a hora! O que os profetas

⁵ Isso não quer dizer, no entanto, que não exista um chamado para expandirmos o evangelho a todas as nações, pois no próprio texto se fala sobre “nações”. Em Atos 1.8, fica clara a extensão da missão e por todo o NT temos a demonstração da expansão territorial do Evangelho.

contaram a respeito de mim era verdade. Eu sou o Messias. Posso fazer o que for, porque todo poder me foi dado”.

Aquilo parecia ser o auge para os discípulos que aguardavam esse Messias que livraria o povo de Israel do domínio romano e libertaria a todos como povo escolhido de Deus. Mas o que Jesus fez logo em seguida? Foi embora! “Como assim?” — alguns poderiam perguntar. Aquela era a hora de começar a fazer as coisas mudarem finalmente, e ele simplesmente vai embora? Muitos discípulos devem ter ficado boquiabertos, sem entender o que realmente tinha acontecido. Jesus disse mais algumas coisas e subiu aos céus. “Mas ele não ia começar seu reinado agora?”

Essa verdade, de que ele tem toda a autoridade, impacta tudo o que ele diz a partir daí. Veja só, o versículo 19 começa com a palavra “Portanto”. Isso quer dizer que a partir dessa verdade, de que ele, o Cristo, tem toda a autoridade no mundo, as coisas deverão mudar. Veja que o conector “portanto” é extremamente importante nesse contexto. O que é dito depois está fundamentado na verdade dita anteriormente. O que Jesus convoca os seus discípulos a fazerem só é possível e relevante com base na verdade de que ele é Senhor sobre todas as coisas.

O texto segue adiante: “vão e façam discípulos”. A palavra “vão”, no original grego pode significar “ir”, “viver”, “andar”, “seguir”, “fazer uma jornada”, “caminhar”. Mas há uma pegadinha aqui. A palavra “vão” no original está num tempo verbal um tanto complicado para uma simples tradução para a língua portuguesa. O verbo está na chamada “voz média” e no aoristo ou particípio, que são tempos verbais. O que significa isso? Significa que o verbo não é um imperativo (“vão”). A tradução não poderia ser “ide” ou “vão”. Além disso, a voz

média, na língua grega, acentua o agente, não a ação. O enfoque está no sujeito, não naquilo que ele faz ou deveria fazer.

Assim, a melhor tradução para o português seria “tendo ido”. Como isso soa um pouco estranho, uma alternativa é a expressão traduzido por “indo”. Isso faz muita diferença na compreensão do texto, especialmente quando juntamos com a próxima expressão ou palavra: “fazer discípulos” ou “discipulem”, que está no modo imperativo. O foco na construção da frase do texto grego está na palavra “discipulem” ou “façam discípulos”, mas não no “indo”.

Dessa forma, possíveis traduções mais adequadas do início do versículo nos dariam algo como:

- Tendo ido, façam discípulos
- Indo, façam discípulos
- Seguindo [sua vida], façam discípulos
- Fazendo a jornada de vocês, façam discípulos
- Caminhando [por aí], façam discípulos
- Vivendo [sua vida], façam discípulos.

A mudança no enfoque para perceber possibilidades de compreender os verbos dessa maneira faz uma completa transformação na maneira como nos aproximamos desse texto. Ele não nos convoca a simplesmente ir a algum lugar e falar de Jesus. A expressão contida nele nos convida a continuar vivendo nossa vida naturalmente, por onde quer que andemos ou estejamos e, no caminho, fazer uma coisa: discípulos de Jesus. O texto, então, não é um chamado para “missionários” somente, mas para todos aqueles que já são discípulos. Os discípulos têm uma tarefa principal: fazer outros discípulos. Essa é a missão mais essencial da vida de todo discípulo.

Depois disso, o texto continua, mas as duas ordenanças seguintes estão vinculadas à palavra “discipulem” ou “façam discípulos”. O modo original no grego como foi escrito “batizar” e “ensinar” se assemelha ao modo gerúndio no português. Eles funcionam, basicamente, como uma explicação adicional daquilo que é discipular. “Discipulem todas as nações”, fazendo o quê? Batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e ensinando-as a manter tudo o que foi ensinado. Essas duas ordenanças complementam ou explicam os detalhes do processo discipular. O processo discipular envolve basicamente o seguinte:

- **Batizar:** incluir na família de Cristo, por meio de um gesto público de fé, que reconhece a transformação de alguém que começa a viver a nova vida.
- **Ensinar:** tudo que foi aprendido pelos discípulos, pelo relacionamento pessoal com Jesus, deve ser ensinado aos seus novos discípulos, para que obedeam a Cristo em sua caminhada, também se relacionando com eles.

A compreensão equivocada em relação ao foco do texto gerou distanciamento significativo em relação à missão que Jesus nos deu. O foco passou a ser *ir* para fazer discípulos. O peso ficou no *ir*, e não em *tornar* essas pessoas discípulas de Jesus. Ir e pregar muitas vezes é mais fácil do que o desafio de tornar essas pessoas discípulas, através de um processo demorado e cansativo, como próprio Jesus teve com aqueles doze homens complicados.

Este é o epílogo de Jesus, o que ele orientou a Igreja a fazer. E esse deveria ser o trabalho principal pelo qual trabalhamos.

Mas o que nós temos feito como Igreja? Cultos, eventos especiais, acampamentos, classes etc. Formamos pessoas que *sabem* informações bíblicas ou informações da fé cristã. Mas será que tudo isso que fazemos está gerando discípulos maduros? Essa discussão será retomada na última parte do livro.

O grande incentivo que temos ao final do texto é que Jesus promete estar todos os dias conosco, até o fim dos tempos. Entretanto, pela construção do texto, ele promete estar todos os dias com esses discípulos que estão na caminhada a segui-lo, levando outros a também fazerem discípulos. Não é possível afirmar que a presença de Cristo é uma verdade para qualquer pessoa em qualquer situação. Ele diz que estará junto com quem estiver seguindo os seus passos.

PAULO

Os apóstolos seguiram o que aprenderam com Jesus. E conhecer o que fizeram foi um dos grandes presentes que Deus nos deu, ao nos possibilitar o acesso aos livros e cartas do NT. Esse foi um grande presente, porque vemos como eles replicaram o que aprenderam com Jesus e nos dão pistas importantes de como aplicar as práticas em nosso tempo. Vamos nos concentrar no apóstolo Paulo, mas o mesmo exercício pode ser feito com outros autores do NT, como Pedro ou João.

Paulo foi discipulado, discipulou e acompanhou o discipulado dos seus discípulos. Ele fez o processo completo. Uma das pessoas-chave que o discipularam foi Barnabé. O relacionamento com ele durou muitos anos e gerou uma mudança tremenda na vida de Paulo. O Saulo que vemos logo após sua conversão e o Paulo que se tornou anos depois no decorrer das viagens missionárias são duas pessoas completamente diferentes.

O processo de discipulado em sua vida, que alguns acreditam ter durado cerca de treze anos, o transformou num discípulo de Jesus pronto para fazer o que fez. Durante o tempo de preparação, Paulo aprendeu e se tornou discípulo, pois conheceu a Cristo. Deus, por sua vez, o transformou a fim de que ele pudesse ser instrumento útil na sua mão.

E o que ele fez? Discipulou pessoas. Igrejas foram formadas a partir desses discípulos, não o contrário. Fazer as coisas nessa ordem provoca uma diferença enorme. Paulo discipulou muitas pessoas, porém temos mais informações sobre Timóteo e Tito. Timóteo e Tito foram considerados filhos na fé por Paulo (1Timóteo 1.2, Tito 1.4). O relacionamento entre eles durou muitos anos e, pelas suas cartas, fica clara a intensa intimidade que Paulo desenvolveu com eles e como os conhecia tão bem. Paulo podia convocá-los a uma tarefa sem muita explicação, incentivá-los a continuar em uma disciplina espiritual ou confrontá-los em algo que exigiria deles disciplina e obediência. Conseguimos observar todos os princípios do discipulado de Jesus presentes no relacionamento de discipulado de Paulo com Timóteo e Tito.

O famoso texto de 2Timóteo 2.1,2 demonstra como Paulo via o processo discipular: “Portanto, você meu filho, fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus, e as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros”. O discipulado era algo que deveria ser replicado a partir da experiência que a própria pessoa viveu. A multiplicação que acontecer a partir de um DNA defeituoso provocará discípulos igualmente defeituosos. Por isso, é tão importante ser discípulo verdadeiro de Jesus, para poder fazer discípulos verdadeiros de Jesus. A convocação

de Paulo a Timóteo faz parte das últimas orientações do apóstolo ainda vivo e figura como a essência do que deveria ser seu trabalho na plantação e na capacitação das igrejas.

Outro ponto importante que podemos observar no discipulado de Paulo com Timóteo e Tito é que Paulo incentiva seus discípulos a continuarem crescendo na fé. Esse é o ponto *contínuo* das premissas do discipulado de Jesus. Quando Paulo escreveu as cartas para Timóteo e Tito, eles não eram mais “bebês na fé”, que precisavam ser acompanhados em tudo. Eram alguns dos líderes mais influentes da Igreja do primeiro século. Mas Paulo não ligou para isso. Deu conselhos para que eles continuem a crescer na fé.

O discipulado para Paulo não terminava antes que ele se encontrasse com Jesus nos céus. Paulo deixou claro, em algumas de suas cartas, a importância de o discípulo continuar a crescer continuamente na fé. Ele elogiou os tessalonicenses (1 Tessalonicenses 4.1-10) por tentarem agradar a Deus e amar a outros cristãos. Entretanto, ele insistiu em que o fizessem “cada vez mais”, convocando-os a continuarem a crescer nesses aspectos da vida.

Como disse Jerry Bridges: “Não existe um ‘cristão adulto’ que não precise mais crescer. O crescimento é normal não só para novos crentes, mas também para aqueles que caminham com Deus há cinquenta anos ou mais”.⁶ A conformidade a Jesus é um processo vitalício e um alvo para a vida. Por isso, Paulo se refere à transformação contínua sendo operada em nós ao usar a expressão “com glória cada vez maior” (2 Coríntios 3.18). À medida que o Espírito opera em nós, avançamos de um estágio de glória para o próximo estágio.

⁶ BRIDGES, JERRY. **Crescimento espiritual**. São Paulo: Vida Nova, 2019. p. 16.

Algo interessante no processo discipular de Paulo é que a relação dele com Timóteo e Tito mudou ao longo do tempo. Isso mostra que a relação entre discipulador e discípulo pode e deve se alterar. No início parece ser uma caminhada com mais acompanhamento e suporte. Entretanto, em algum momento esse relacionamento pode progredir para algo como uma mentoria, pois o discípulo cresceu na fé e o acompanhamento pode se tornar pontual.

Não é o foco deste livro tratar de outras pessoas-chave do NT, mas podemos ver como a verdade do discipulado continuou presente em outros contextos além do de Paulo. Vemos também nas cartas de Pedro, além de breves porções em Atos dos Apóstolos, algumas pistas de como era o relacionamento discipular de Pedro com seus discípulos e pessoas que ele influenciava. Em 1Pedro, por exemplo, há dois grandes elementos que se alternam o tempo todo: os fundamentos da salvação e a prática da salvação. Para Pedro, ser alcançado pela graça de Deus não era algo estanque, mas que continua progredindo, a ponto de mudar a prática da vida.

O DISCIPULADO NOS DIAS DE HOJE

Talvez muitos se perguntem se é possível, no século XXI, ter um processo de discipulado como o que foi vivenciado por Jesus e os seus apóstolos. Antes de conversar sobre a atualidade do discipulado, precisamos ter em mente que essa é uma ordem de Jesus: “Indo, façam discípulos”, como trabalhamos neste capítulo. Então temos que discipular!

Mas é possível o discipulado no século XXI? Essa é uma pergunta honesta a ser feita, pois, quando observamos o discipulado de Jesus e dos apóstolos, percebemos que ele foi

feito em um ambiente muito diferente do nosso, há mais de 2 mil anos. Entretanto, essa pergunta normalmente esconde um entendimento ainda equivocado do que é o discipulado.

Quando Jesus convocou aqueles homens para se tornarem seus discípulos, ele deu uma ordem. Apesar de ser uma convocação, é um privilégio para nós recebermos essa ordem, pois queremos que as pessoas vivam a transformação que nós experimentamos. A convocação para discipular, então, é para todo discípulo de Jesus, em qualquer época, em qualquer lugar, em qualquer ambiente. Isso é indiscutível.

O que podemos e devemos fazer não é discutir “o quê”, mas o “como” faremos isso nos dias de hoje. Então, nós discutiremos estratégias, modelos, materiais etc. E faremos isso neste livro. A convocação para discipular seguindo os princípios de Jesus não pode mudar. O que podemos fazer é descobrir os fundamentos do discipulado de Jesus e dos apóstolos e lutar por eles, adaptando a forma para nosso tempo.

Outro ponto importante a ser considerado é que todos fomos chamados para ser e fazer discípulos. Diante disto, o foco deste livro será tratar de *como* a igreja pode estruturar, de alguma maneira, o discipulado inspirado no modo como Jesus cumpriu essa missão. Do ponto de vista individual, no entanto, esse não será o foco, apesar de que tocaremos no tema no capítulo 2. Tudo o que for construído para a igreja tem como objetivo ajudar as pessoas a serem e a fazerem outros discípulos.

O PROCESSO DE DISCIPULADO

Propomos que você e um grupo de trabalho construam um *processo de discipulado* para sua igreja. Com base no que Jesus fez, ensinou e ordenou, e com base no que os discípulos

e apóstolos fizeram, questionem-se sobre como poderão aplicar isso à realidade de vocês.

O que é um *processo de discipulado*? É o conjunto de definições, elaborado por você e seu grupo de trabalho, de como a sua igreja incentivará as pessoas a crescerem na fé com passos e objetivos claros. O grupo deverá encontrar respostas para perguntas como: Quem são essas pessoas? Quais passos podemos sugerir para crescerem na fé? Quais conteúdos trabalharemos? Quais materiais usaremos? Usaremos a estratégia de grupos ou faremos isso de forma individual?

Por que a palavra *processo*? Porque é essencial a compreensão de que o discipulado na igreja precisa de algum processo claro, com etapas e caminhos definidos, e que não é algo que acontece num evento ou numa classe. Tudo isso será trabalhado em detalhes na Parte II do livro. Entretanto, não salte para lá ainda, pois, antes disso, trabalharemos alguns pontos necessários.

DISCIPULADO É UM PROCESSO ORGÂNICO OU ESTRUTURADO?

Essa pergunta é feita por muitos pastores e líderes quando começam a pensar de que modo o discipulado ocorrerá na prática, no contexto da igreja local. Mesmo que não usem essas expressões, a questão com a qual lidam é a mesma. Assim, apresentarei as duas alternativas (orgânico e estruturado), na prática e em seus extremos, a fim de melhorar o entendimento dos dois pontos. Depois, apresentarei caminhos intermediários.

Um processo *totalmente orgânico* é aquele que, teoricamente e em seu extremo, não segue um processo predeterminado, rígido. Não existe um passo a passo elaborado. Cada pessoa

progride na fé num caminho próprio e personalizado. O discipulador, nesse contexto, precisa criar o caminho de transformação da pessoa específica e alinhar as estratégias e os conteúdos de acordo com as necessidades específicas. É um tipo de personalização do processo de discipulado, isto é, para cada pessoa.

Um processo *totalmente orgânico* apresenta os seguintes riscos e dificuldades:

- O discipulador nem sempre terá todo o conhecimento e as habilidades necessárias para desenvolver um processo discipular totalmente novo e personalizado.
- Pode tornar difícil de ser medido. Como cada novo discípulo está em um processo diferente, distinto, é difícil medir no conjunto onde as pessoas estão para que a liderança acompanhe o crescimento e dê suporte aos discipuladores.
- Pode se tornar mais difícil de ser multiplicado. Como não segue nenhum parâmetro de caminho a ser trilhado, o discípulo não tem um processo básico a ser copiado, pois o que ele viveu é apenas aquilo que fez sentido para a sua trajetória e não necessariamente poderá ser aplicado a outros.

Dessa maneira, considerando a igreja como um todo, é difícil implementar um processo totalmente orgânico como regra. Eu, Thiago, como discipulador há muitos anos, posso discipular outros em um processo totalmente orgânico. Quem já é discipulador muito experiente também. Mas é difícil para um grupo maior (a igreja) trabalhar nessa direção como comunidade, pois nem todos estão prontos para o processo nessa modalidade.

Um processo *totalmente estruturado* é aquele que, teoricamente e em seu extremo, segue um caminho de crescimento na fé totalmente definido ao longo de anos, com os passos estruturados até o seu final, independentemente da situação de cada pessoa. O discípulo deve seguir os passos predeterminados até o final do processo para que possa progredir. A estruturação completa já existe e nada pode sair dos limites que foram propostos e organizados, nem do tempo predefinido.

Um processo *totalmente estruturado* tem os seguintes riscos e dificuldades:

- Tem a tendência de engessar e se tornar um programa ou um curso a ser seguido, esquecendo do foco nas pessoas.
- Pode perder de vista os ajustes de percurso naturais de cada pessoa ou grupo de pessoas que precisam ser implementados.
- Pode forçar um processo de transformação que demanda tempos diferentes para cada pessoa ou grupo de pessoas.

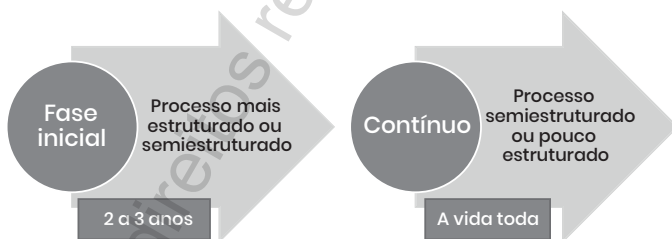
Como tentei demonstrar, os dois extremos têm problemas e desvantagens. Provavelmente, um caminho alternativo é a solução que se encontra no meio desses extremos. Entretanto, o meio do caminho sempre é mais desafiador. Assim, tentarei demonstrar a possibilidade de se encontrar esse meio termo.

Muitas igrejas chegaram à conclusão que parece fazer mais sentido ter, no início da jornada de relacionamento da pessoa com Cristo, um processo mais estruturado (ou semiestruturado). Depois de uma fase mínima básica, adota-se um processo menos estruturado. No início, é importante estabelecer as bases da fé e levar a pessoa a se tornar discípula de Jesus.

Há pontos importantíssimos que são verdades para todos os que estão no início da caminhada de fé. Salvação e graça, por exemplo, são verdades essenciais, que todo discípulo precisa entender e viver, independentemente de quem ele é. Cada um lidará com essas verdades de forma diferente, mas todos lidarão com elas em algum momento. Então, toda fase inicial de um processo de discipulado precisaria tratar esses dois temas (ambos são apenas exemplos).

Entretanto, depois do início dessa caminhada, que alguns consideram algo entre dois e três anos, parece fazer mais sentido propor um processo cada vez menos estruturado. Na fase menos estruturada, será necessário considerar muitos temas a serem tratados para a maioria das pessoas. Em alguns casos, alguns temas serão mais urgentes do que para outros. Além disso, as pessoas poderão precisar discutir algumas verdades para sua vida de forma diferente de outras pessoas.

O gráfico a seguir tenta demonstrar um resumo disso:



Usando o exemplo de Jesus, seu caminho de discipulado foi desenvolver uma jornada espiritual inicial com os discípulos por cerca de três anos. Nesse tempo, Jesus tinha um objetivo específico: transformá-los em seus discípulos a ponto de fazerem outros discípulos. Jesus tratou deles tocando em pontos essenciais a todo discípulo, dando um

tempo necessário para que aspectos profundos do caráter deles fossem transformados.

Ele também investiu tempo em mudar a cosmovisão que tinham sobre si mesmos, sobre seus relacionamentos, as pessoas, o Reino, o próprio Messias e como seria o futuro. De certa forma Jesus tinha um tipo de “programa” a ser desenvolvido com eles. Entretanto, não era um programa engessado que não permitia se adaptar às demandas pontuais ou usar o contexto como ambiente propício ao aprendizado.

Após esse período, com a morte, ressurreição e ascensão, Jesus enviou o Espírito Santo para continuar o trabalho de discipulado já iniciado. O Espírito Santo derramou dons à Igreja para que o crescimento acontecesse no corpo de Cristo. O crescimento da fé, então, sempre tem um aspecto pessoal, operado pelo Espírito, e um aspecto coletivo, também operado pelo Espírito no Corpo. Não é possível crescer na fé sozinho. Jesus ensinou aqueles homens a se tornarem seus discípulos no contexto da coletividade, e convocou a Igreja a viver seu processo de crescimento da fé na coletividade.

Para crescer na fé existe o mistério do ministério do Espírito Santo, que é o grande agente do nosso crescimento e transformação. Existe também a nossa parcela de “esforço intencional e adequado”.⁷ Mesmo que não entendamos completamente como essas duas dimensões coexistem, parece que em todo o texto bíblico ambas as verdades estão presentes.

Na Parte II, nós trabalharemos a construção do processo de discipulado nessa fase inicial e, na Parte III, apontarei direções em que é possível trabalhar a continuidade do processo de discipulado ao longo da vida das pessoas.

⁷ BRIDGES, Jerry. *Crescimento espiritual*. São Paulo: Vida Nova, 2019. p. 17.

O QUE NÃO É DISCIPULADO?

Falar sobre o que é discipulado é mais fácil quando destacamos o que ele não é. Com base nos fundamentos do discipulado de Jesus, podemos dizer que discipulado não é:

- **Terapia:** apesar da possibilidade de haver troca e cura entre as pessoas do discipulado, os fundamentos, processos e alvos não são os mesmos de um processo terapêutico.
- **Aconselhamento:** embora possa haver aconselhamento, o discipulado não é uma relação pautada em alguma técnica ou abordagem para ajudar o outro a atravessar uma crise ou lidar com uma decisão.
- **Curso/classe:** o discipulado não é um curso que alguém faz, uma classe da igreja que se possa frequentar ou algo do tipo. O discipulado inclui ensino, mas seu processo é vida-na-vida.
- **Estudo bíblico:** o discipulado inclui Estudo da Palavra, mas é limitado a um ensino sobre um tema ou livro bíblico.

QUAL A RELAÇÃO ENTRE DISCIPULADO E ESTUDO BÍBLICO?

Em muitas ocasiões em que falo sobre discipulado, alguns pastores levantam a bandeira de suas alternativas de estudo bíblico na igreja como sendo uma expressão do discipulado. Muitos se orgulham de dizer que têm uma Escola Bíblica forte ou grupos de estudo da Bíblia bons e, portanto, estão discipulando as pessoas. Entretanto, estudo bíblico não significa

necessariamente crescimento na fé. Eu posso saber muito sobre a Bíblia, mas não ter mudado quase nada em meu caráter.

Os parâmetros do discipulado de Jesus são o nosso norte. O crescimento na fé se dá de acordo com os parâmetros levantados no início desde capítulo. Por exemplo, se retiramos da equação do discipulado o aspecto relacional, o processo ficará comprometido. E o relacionamento é justamente o que mais falta em certas alternativas de estudo bíblico. Em muitos casos, o ensino bíblico é completamente dissociado de uma caminhada de relacionamento, o que gera uma distância entre quem ensina e quem aprende. A relação que se estabelece é de professor-aluno.

O discipulado, seguindo o referencial de Jesus, inclui o estudo da Palavra. Mas nem sempre o estudo da Bíblia envolve discipulado. Discipulado tem a ver com duas ou mais pessoas se relacionando intencionalmente, para compartilhar vida, usando a Palavra de Deus como a referência principal. É possível ter uma estrutura de ensino em que o foco não seja o compartilhamento de vida, e sim, o compartilhamento de verdades ou princípios da Palavra.

Certa vez, quando falava sobre esse assunto em uma igreja, um líder de influência naquela igreja se levantou e disse que nada do que eu falava era necessário, pois eles já tinham uma Escola Bíblica que os ensinava tudo que era preciso. Então eu disse: “Que bom, meu irmão. Vamos entender melhor como aprendem. Por favor me diga o tema que estão trabalhando atualmente em sua classe?”. E ele respondeu dizendo que estudavam o livro de 2Reis. Por dois ou três meses eles estavam trabalhando esse livro. Então eu respondi dizendo que achava esse livro fantástico e que podia nos ensinar muito.

Mas então eu perguntei a ele: “Depois de estudar tanto esse livro, por tanto tempo, o que você poderia dizer que mudou na sua relação com Deus, ou com a sua família, ou com as pessoas com as quais trabalha, ou na sua relação com autoridades, ou a igreja, ou qualquer outro aspecto de sua vida? Poderia me dizer pelo menos uma coisa?”. E ele não conseguiu responder absolutamente nada. Ele disse, no entanto, que sabia citar o nome de todos os reis de Israel e sabia vários versículos de cor.

Acúmulo de informações, fatos bíblicos ou doutrinas cristãs sem aplicação pode gerar vaidade espiritual. Jerry Brigdes cita o fato de que Paulo disse ao mesmo tempo que “a ciência incha, mas o amor edifica” (1Coríntios 8.1) e que “o conhecimento da verdade [...] conduz à piedade” (Tito 1.1). Mas qual é a diferença desses dois conceitos de conhecimento? No primeiro caso, os coríntios usavam seu conhecimento de forma egoísta e arrogante, numa busca vaidosa para discutir conceitos e convicções com outros que pensavam diferente deles. No outro texto, a ideia é que o conhecimento das Escrituras está sendo aplicado à vida e resulta em comportamento piedoso.

Jesus deixou isso muito claro quando disse:

As palavras que digo não são meros adendos ao seu estilo de vida, como a reforma de uma casa, que resulta em melhora de padrão. Elas são o próprio alicerce, a base de sua vida. Se vocês puserem essas palavras em prática, serão como pedreiros competentes, que constroem suas casas sobre a solidez da rocha. [...] Mas, se vocês usarem minhas palavras apenas para fazer estudo bíblico, sem nunca aplicá-las à própria vida, não passarão de

pedreiros tolos, que constroem suas casa sobre a areia" (Mateus 7.24-27, *A Mensagem*)."

Na Parte III do livro, trabalharemos melhor o modo como se pode integrar o discipulado às estruturas existentes de ensino da Bíblia em sua igreja. Por ora, lembre-se de que falar de discipulado não significa falar de estudo da Bíblia apenas, mas da prática da Palavra como Jesus nos ensinou.

QUAL A RELAÇÃO ENTRE DISCIPULADO E EVANGELISMO?

Podemos entender o evangelismo como parte do processo de discipulado. Por quê? Porque levar alguém à fé é levar a pessoa a se tornar discípula de Jesus. Então, nessa perspectiva, discipulado é a caminhada em que alguém se torna discípulo e continua sendo discípulo. O evangelismo, então, deveria estar conectado ao processo de discipulado da igreja.

Podemos, se você quiser, separar os dois conceitos para organizar melhor o nosso entendimento. Esse não é um erro e eu não me oponho a isso. Entretanto, essas duas práticas normalmente estiveram desconectadas ao longo do tempo, na maioria das igrejas, a ponto de as pessoas não perceberem, na prática, como elas se integram. Muitas pessoas são levadas à fé após ouvirem uma pregação, uma proclamação, mas nada acontece a partir daí. Basicamente, elas começam a frequentar os cultos, fazem algum curso inicial para se batizarem e se tornarem membros, e se espera que elas cresçam na fé por conta própria.

Quando percebemos que levar as pessoas à fé é parte de um processo maior de discipulado, podemos alinhar as

agendas e estratégias de evangelismo da igreja ao processo de discipulado, visando levar essa pessoa a continuar crescendo na fé depois de se converter.

O ALVO DO DISCIPULADO

Certa vez, em um processo de consultoria com uma igreja, eu ouvi um pastor se colocar diante de toda a congregação e pedir perdão porque nos últimos quinze anos de ministério naquela igreja ele se esforçou em fazer “membros de igreja”, não discípulos. Não é segredo que o enfoque da liderança e dos pastores de igrejas, muitas vezes, é fazer convertidos que depois se tornem membros. Entretanto, o chamado de Jesus não é para levarmos as pessoas ao momento da conversão, mas a se tornarem discípulos que guardem e obedecem a sua Palavra e influenciem o mundo. E isso só é possível com um processo de discipulado claro e disponível, a fim de que as pessoas possam crescer na fé e se tornar como Jesus, o Homem Perfeito.

Jesus não somente convocou aqueles homens para serem seus discípulos, mas investiu tempo, levando-os a se tornarem novos homens. Ao longo do ministério de Jesus, ele ficou cada vez mais próximo dos seus discípulos, compartilhando vida e transformando gradativamente o coração deles. O convite para o discipulado era de permanência em Jesus: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos” (João 8.31). A capacidade de assimilar o significado da revelação seria cada vez maior, desde que continuassem a pôr em prática a verdade que já haviam compreendido.⁸

⁸ COLEMAN, Robert E. **O plano mestre de evangelismo**. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2006. p. 50.

Ao final de todos os capítulos contarei a história da Igreja Vida Nova, uma igreja que decidiu implementar um processo de discipulado. As personagens, a igreja e todo o roteiro da história são ficcionais, mas totalmente baseados nas diversas histórias reais que aconteceram em consultorias, assessorias e capacitações das quais participei. O objetivo aqui não é demonstrar as respostas certas encontradas por uma igreja, mas como acontece o processo construtivo de uma equipe, até chegar a respostas que eram as melhores que conseguiram naquele tempo e contexto.

Depois de ler o primeiro capítulo do livro e dar uma vasculhada rápida no que viria pela frente, o pr. Antônio não teve dúvidas. Ele disse: “Vou convocar um grupo de trabalho para investigar melhor essas ideias e pensar nisso para a nossa igreja”. Ele não entendia direito tudo o que aconteceria em detalhes, mas decidiu arriscar.

Ele era pastor há alguns anos naquela igreja e já fazia um tempo que queria trabalhar a questão do discipulado com todos. Já havia lido alguns materiais e visitado outras igrejas que desenvolviam diferentes modelos de discipulado, mas ainda tinha dúvidas sobre qual seria o melhor modo e momento de começar algo nessa direção. Quando o pr. Antônio pegou o livro, decidiu dar um passo adiante e sair da acomodação.

A primeira coisa que ele fez foi convidar o João para ser o coordenador do grupo. O João era aquele tipo de pessoa muito empolgada e que conseguia motivar as pessoas com certa facilidade. Por isso, ele falou primeiro com o João, que prontamente aceitou o convite. O João também não entendia bem o que iria acontecer, mas aceitou o desafio. Logo em seguida, os dois começaram a pensar em quem convidariam para integrar o grupo de trabalho e, depois de uns trinta minutos conversando intensamente sobre isso, pensaram em convidar as pessoas ao final do culto do próximo domingo. Mas eles se lembraram de fazer algo antes: orar por isso. Decidiram orar sobre o tema e na semana seguinte voltariam a conversar.

Uma semana se passou, e os dois, de fato, oraram sobre a questão. Naquela semana, inclusive, o João deu uma vasculhada no livro que o pr. Antônio tinha dado para ele e entendeu um pouco mais do que estava por vir. Eles se encontraram e perceberam que quase todos da lista que tinham pensando em convidar eram as pessoas-chave para integrar o grupo. No entanto, eles decidiram não convidar o sr. José, pois tinham a sensação de que ele, apesar de ser uma pessoa dedicada à igreja, talvez tivesse dificuldade de caminhar com o grupo e propor ideias nesse primeiro momento. Além disso, perceberam que as pessoas que lidam com a nova geração da igreja não estavam no grupo, então decidiram incluir a Amanda, que coordenava as crianças, e o Ricardo, que cuidava dos jovens e adolescentes.

O João já queria enviar uma mensagem para todos pelo celular, convidando-os para uma reunião. Entretanto, o pr. Antônio ponderou que era melhor falar pessoalmente com eles e dizer que estava pensando em convidá-los para fazer parte de

História DA IGREJA VIDA NOVA

um grupo especial, que trabalharia algo na área de discipulado para a igreja como um todo. Deu a eles a tarefa de orar sobre o assunto e combinou de se encontrarem no próximo domingo, a fim de que pudesse explicar melhor como seria o processo.

O pr. Antônio mal podia se conter de ansiedade. Se fosse por ele, decidiriam tudo em duas ou três reuniões. Mas ele sabia que não seria tão rápido assim. Uma semana depois, todo o grupo escolhido se encontrou e o pr. Antônio explicou a proposta. Ele entregou um livro para cada um e detalhou o envolvimento deles no processo. Quase todos se prontificaram, imediatamente, a fazer parte do grupo. A Maria, que todos diziam que o seu ministério era o “pau para toda obra”, disse que estava motivada. O Ricardo disse que discipulado era algo que ele queria entender melhor há muito tempo. E todos foram confirmando o interesse e manifestando curiosidade no que viria pela frente. Alguns ficaram preocupados com o horário para fazer o que fora proposto, já que estavam com a agenda lotada, com compromissos da igreja e da vida pessoal. Decidiram, então, fazer um encontro semanal na igreja antes de um compromisso que sempre tinham, para não terem que incluir mais um dia na agenda.

E assim começou o grupo...

Logo no primeiro encontro, ao falar sobre o primeiro capítulo, a conversa foi intensa! A Alice, que era a líder de ensino, disse que a perspectiva de discipulado era muito maior do que ela imaginava. Ela dava aula na classe da EBD chamada Discipulado e, no seu entendimento, o que ela fazia era, basicamente, transmitir verdades ou doutrinas bíblicas para as pessoas. Alice disse que isso mexeu com ela e a deixou sem

saber o que fazer. Na verdade, ela queria interromper a sua classe já no domingo seguinte, mas o pastor a impediu de fazer dessa forma.

O sr. Domingos disse que entendeu tudo, mas não via como isso pudesse mudar muita coisa na rotina da igreja. Como vice-presidente, ele tinha certo receio das “novidades” que apreciavam e tentavam mudar as coisas estabelecidas na igreja. Maria disse que tinha sido discipulada na adolescência e que isso fez toda a diferença na sua vida. Ao dizer isso, os demais disseram que nunca foram discipulados por alguém. Maria se surpreendeu quando todos disseram isso. Em seguida, parando para analisar a questão, disse que não via isso acontecer na igreja de hoje e que talvez o discipulado tenha sido a coisa mais importante que aconteceu na sua caminhada cristã.

Depois das impressões iniciais sobre as percepções deles ao lerem o capítulo 1, a Amanda, que até então estava quieta, disse que, se houvesse um processo estruturado de discipulado na igreja, ajudaria as pessoas a crescerem na fé. Ela disse que, quando chegou à igreja, não teve clareza sobre o que deveria fazer para se parecer mais com Jesus ao longo do tempo. Ela disse que aprendeu uma lista de coisas que, como cristã, não poderia fazer, mas não entendeu bem o que deveria fazer para crescer na fé.

Nesse momento, o sr. Domingos a interrompeu, dizendo: “Mas é óbvio o que se faz para crescer na fé! Basicamente vir aos cultos e às aulas, ler a Bíblia e orar”. Depois dessa resposta um tanto ríspida, o grupo ficou em um silêncio desconfortável por alguns segundos, o que para alguns pareceu durar minutos. O João tentou diminuir o desconforto mudando de

História DA IGREJA VIDA NOVA

assunto, mas a Amanda corajosamente decidiu voltar ao que tinha sido falado, e comentou: “Mas eu entendi que discipulado não é simplesmente participar de um culto ou praticar disciplinas espirituais. Jesus discipulou usando alguns fundamentos, como relacionamento intencional e vivencial, como aprendemos. Acho que ainda não desenvolvemos isso plenamente em nossa igreja”. O sr. Domingos não gostou muito da resposta, mas resolveu não dizer nada.

Depois disso, todos começaram a conversar sobre como seria bom se as pessoas realmente tivessem um acompanhamento em seu crescimento de fé e tivessem pessoas que as ajudassem a entenderem melhor o que é se tornar um discípulo de Jesus.

TAREFA PARA O GRUPO DE TRABALHO

Em todo o livro haverá sugestão de tarefas para o grupo de trabalho. O que pretendemos é que você escolha as pessoas (no Anexo I dou dicas de como montar esse grupo) e caminhe com elas no estudo deste livro e na prática das tarefas de cada capítulo. O objetivo é que, realizando as tarefas, vocês construam o processo próprio de discipulado.

Perguntas para reflexão e diálogo:

1. O que mais chamou a sua atenção no discipulado de Jesus?
 2. O que mais chamou a sua atenção no discipulado de Paulo?
 3. Você viveu algum processo de discipulado como o de Jesus ou dos apóstolos?
 4. Você acredita ser possível discipular alguém hoje?
 5. O que colocamos como desculpas para não discipular?
 6. Como um processo de discipulado pode contribuir para as pessoas da nossa igreja crescerem na fé?
-